

A decorative border with floral and scrollwork motifs surrounds the text.

Boletim do Algarve

(PUBLICAÇÃO QUINZENAL)

A decorative horizontal separator with ornate flourishes above and below the text.

ANNO II — N.º 9 15 DE MAIO — 1911

A small decorative flourish above the publisher information.

FARO
TYPOGRAPHIA UNIÃO
Rua do Município — 16

SUMMARIO

1.^o—Uma instituição veneravel.
2.^o—O mez de Maria. 3.^o—A protecção da Virgem. 4.^o—Lembrança de mãe. 5.^o—Ecce mater tua. 6.^o—Explicação litteral do catechismo. 7.^o—A vida de Nosso Senhor Jesus Christo contada ás creanças. 8.^o—Nobreza de perdoar. 9.^o—As victorias da Igreja.

NA CAPA O eunucio Eutropio e S. João Chrysostom o.

BIBLIOGRAPHIA

LO QUE PUEDE UN CURA HOY

2.^a edição correcto e augmentada

É um magnifico livro de Propaganda Catholica devido á intelligente experiencia e provavel zelo do Sr. Arcipreste de Huelva e vende-se n'essa Cidade pelo diminuto prego de 1 pla.

Pedidos ao mesmo autor, Sta. Fé, 12



Condições d'assignatura

ANNO

Dezena de subscriptores rs. 600
Simple assignatura » 650

(*) O Boletim será enviado nos Directores parochiaes da Obra de S. Francisco de Sales, na proporção de um exemplar por cada dezena de subscriptores.

(**) A cobrança far-se-ha pelo correio no fim do 1.^o trimestre, se antes não tiver sido feito o pagamento.

(***) Será considerado assignante quem não devolver os dois primeiros numeros.

Almanaque

DE LA PRENSA CATHOLICA

PABA 1911

Preço 50 centimos

Pedidos ao administrador do *Ora et Labora* — Seminário de Sevilla.

É um livro de summa importancia para a propaganda da boa imprensa e um escolhido repositorio de informações de grande alcance e verdadeira conveniencia.

A Religião Catholica

Exposição apologetica e catechetica da verdadeira Religião
Propaganda Catholica. Silvares FAFE

1 exemplar	rs. 40
75 »	» 2,5000
200 »	» 4,8000

BOLETIM DO ALGARVE

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ORGÃO OFFICIAL DA DIOCESE

Director e proprietario
C.º Marcellino A. M. Franco

Editor
Maximiano Barão

SEDE DA ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO—«Typ. União» R. do Município 16—FARO

UMA INSTITUIÇÃO VENERAVEL

A Bulla da Santa Cruzada, que originariamente foi publicada para galardoar os esforçados cavalleiros, que da Europa partiam para a Asia com o fim de libertar o sepulchro de Christo, das mãos dos infieis, e que mais tarde foi concedida aos portuguezes como recompensa da valentia, com que, dentro do seu paiz combatiam os infieis agarenos, recebemo-la nós como herança nobilissima dos nossos antepassados,—herança, que é um testemunho inilludível de que toda a grandeza da nossa nação teve como alicerces o patriotismo e a fé.

Os tempos mudaram e se, em attenção ás vivissimas crengas dos nossos maiores, o Summo Pontifice continuou a distinguir nos com as graças da Bulla da Santa Cruzada, é certo que este documento visa hoje a um fim muito differente d'aquelle, que determinou outr'ora a sua concessão.

A Bulla tem hoje por fim principal a sustentação dos seminarios, onde se

applicam quasi todas as esmelas, que por ella se reúnem.

Mais um motivo, sem duvida de muito valor, que deve levar os bons catholicos, a tomarem a Bulla, cuja esmola tem uma applicação tão opportuna e de tanta utilidade religiosa e social. E' dos seminarios, que sahem os ministros da Religião, aquelles, que, no dizer do Divino Mestre, são a luz do mundo e o sal da terra: a luz do mundo, que dissipa as trevas do erro e illumina o caminho da salvação, e o sal da terra, que impede com a sua acção, que a sociedade apodreça no lodo dos vicios, para onde a impellem a propaganda infrene dos principios mais dissolventes e o espetaculo perturbador da mais espantosa desmoralisação.

E' desenganar: O Christianismo ou ha-de ser como o Divino Jesus o estabelecceu na terra ou tornar-se-á uma instituição inutil, pois não poderá exercer a sua missão bendita e insubstituível.

É um erro monstruoso afirmar que a Religião Christã attingirá toda a pureza e perfeição, pela comprehensão nitida dos seus ensinamentos e pela pratica exacta dos seus preceitos, no dia, em que deixarem de existir sacerdotes. Affirmar isto é contradizer toda a doutrina pregada pelo Divino Jesus.

Com effeito, a ser assim, como comprehender estas palavras de Jesus Christo dirigidas aos seus discipulos e successores: «Assim como meu Pae me enviou, eu vos envio a vós; ide por todo o mundo, pregae o Evangelho a todas as creaturas, baptisando-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo»? Como entender ainda esta affirmacão feita tambem na presença dos seus discipulos: «quem vos ouve, a mim ouve, e quem vos despreza, a mim despreza», e est'outra a respeito da auctoridade e poder da Igreja: «quem não ouvir a Igreja seja considerado como pagão e publicano»??

A Religião Christã não pode existir sem sacerdotes, que são os continuadores na terra da missão grandiosa e salvifica, que nella exerceu durante os tres annos da sua vida publica Nosso Senhor Jesus Christo. Toda a guerra, portanto, que se faz á Igreja e ao padre catholico tem como alvo indirecto o proprio Deus.

Eis a razão, porque constitue um grave dever para o christão, que se presa, concorrer por todos os meios ao seu alcance para que haja bons sacerdotes, que santamente exerçam no meio da sociedade a sua missão imprescindivel. E se é nos seminarios que se educam os futuros ministros da Religião verdadeira, não constituirá um doce prazer para o catholico convicto o poder auxiliar a manutenção e o melhoramento dos seminarios? Quem é que, tendo crengas firmes e sinceras,

recusará o seu obulo para um fim tão altamente benemerito?

E, tendo a Bulla esse fim, como é notorio, haverá algum catholico, merecedor d'este nome, que não sinta orgulho e satisfação em dar a esmola da Bulla harmonica com as suas posses, sabendo que ella, junta a outras, vae concorrer efficazmente para o augmento da Religião e consequente bem da sociedade?

Se todos os fieis conhecessem bem esta instituição respeitabilíssima sob todos os pontos de vista;—pela sua origem, pela sua natureza e pelo seu fim,—dedicar-lhe-iam profunda estima, pois veriam nella ao mesmo tempo um documento religioso, uma recordação patriótica e uma obra inegualavel de caridade.

É precisamente tornar conhecida e amada a Bulla da Santa Cruzada o fito, que nos propuzemos, escrevendo os desvaliosos artigos, que ahi ficam.

Se neste sentido alguma coisa conseguirmos, muito exultará o nosso coração de catholicos e de portuguezes, pois é profunda e íntima convicção nossa que, assim como toda a gloria e grandeza de Portugal antigo foram devidas á firmeza inquebrantavel das suas crengas catholicas, assim tambem o Portugal moderno só poderá ser grande, glorioso e caminhar na senda do lidimo progresso, se receber em cheio a luz bendita do sol da fé e tiver a ampara-lo a benefica influencia da doutrina de Jesus, que encerra em si a vida e a prosperidade dos povos, do mesmo modo que a felicidade temporal e eterna dos individuos.

Uma vez concebida no coração a palavra, é difficultoso impedir-lhe o parto.

O MEZ DE MARIA

É impossivel indicar precisamente qual a causa que deu origem ao estabelecimento d'esta devoção, como impossivel é tambem descobrir o seu auctor.

Succede com o *Mez de Maria* o que aliás se dá com muitas outras praticas religiosas igualmente recommendadas: no entretanto, tal como hoje se celebra por essas cidades e aldeias de Portugal, é de data relativamente recente.

Diz o P. Martinho na introdução ao seu livro—*Flores de Maria*—que em todos os seculos da Egreja as grandezas e sublimes prerogativas da Mãe de Deus tem sido objecto da profunda veneração dos fieis.

É que cada seculo tem visto estabelecer-se uma infinidade de praticas santas, destinadas a animar a devoção para com a Santissima Virgem e a chamar sobre os fieis as graças de que Ella é dispensadora.

Assim foram instituidos o Rosario, a Corôa, o Angelus, as romarias devotas, as procissões, e tantas outras praticas, que seria longo enumerar aqui.

Por certo que o *Mez de Maria* teve igualmente a sua origem neste sentimento geral de terna devoção para com a Santa Mãe de Jesus; mas uma causa particular e um fim especial deviam determinar de facto a sua ins-

tuição, como hoje ella se encontra estabelecida.

Ha quem affirme que é devido a S. Philippe Nery, fundador da congregação do Oratorio, que morreu já octogenario, em Roma, no anno de 1595.

Fôra fructo do seu zelo pela salvação das almas e do seu terno amor para com a Santissima Virgem.

Notara o santo que nos dias que se seguiam ao tempo paschal e sobretudo no mez de maio, a juventude principalmente estava exposta a toda a sorte de perigos proprios dessa quadra do anno.

Via os peccados multiplicarem se e derramava lagrimas de dôr: na sua afflicção, porem, lembrou-se de recorrer a Maria e sob a sua protecção maternal collocou especialmente a juventude.

A esta inspiração celeste corresponderam desde logo os mais abundantes fructos.

Estabeleceu o santo um programma de praticas diarias durante o mez, recommendou o canto dos capitulos sagrados, a recitação das ladainhas deante d'uma imagem de Maria, a recepção dos sacramentos e uma consagração especial á Virgem Immaculada.

É provavel, porem, que esta pratica, durante muito tempo, não tivesse outra esphera d'acção alem das obras praticadas pelos jovens e estabelecidas pelo devoto religioso.

Sabe-se no entretanto que a partir d'esta epocha as *Madonas* collo-

cadavros pela piedade romana em nichos cavados nas paredes interiores e exteriores das casas eram objecto, na cidade dos Papas, d'um culto de devoção simples e popular.

As mulheres do povo e as crianças faziam publicamente deante d'ellas as suas orações.

Em chegando o mez de maio, organisavam-se grupos de camponeses e de pastores, que, conduzindo os seus rebanhos, iam collocar-se em frente d'essas imagens e entoar em honra da Santissima Virgem, ao som da gaita-de-folles, os seus canticos de ternura e filial confiança.

Assim se foram multiplicando e desenvolvendo estas manifestações de piedade christã; e em 1740 o P. Lalonia publicou um livro intitulado — *Mez de Maria* —; d'onde se conclue que esta devoção n'esse tempo estava já mais ou menos organizada na cidade de Roma e suas circumvisinhanças; o livro divulgou-a e deu-lhe uma forma mais regular.

Esse livro foi traduzido por um padre francez — Doré e espalhado em França em 1814 ou 1815.

Já em 1801 o P. Musarelli havia feito tambem editar em Roma um novo livro para a devoção do *Mez de Maria*, em que declara que esta devoção não era tudo quanto podia fazer-se para aquelles tempos em pró da salvação das almas, mas era muito, pelas benções especiaes que esperava da Mãe de Deus em favor dos seus devotos.

A seguir apparecerem diferentes

obras no genero, tanto em italiano, como em francez, e hoje ha um cem numero d'ellas.

Assim instituida, faltava-lhe, porrem, para que a acollhessem com ardor e a praticassem, uma condição essencial — a approvação da Igreja.

Foi Pio VII que li'a deu, por rescripto de 21 de março de 1815, concedendo a todos os christãos, que, durante o mez de maio, honrassem publicamente ou particularmente a Santissima Virgem, com especiaes homenagens, orações fervorosas e outros exercicios de piedade, 300 dias de indulgencias em cada dia do referido mez e indulgencia plenaria num dia á escolha, com a condição de se confessarem, commungarem e orarem segundo as intenções da Igreja.

E Pio IX declarou que esta indulgencia se podia ganhar até no dia primeiro de junho, sendo todas applicaveis ás almas do Purgatorio.

Uma nova era de extraordinario progresso neste culto do mez de maio se abriu então com o decreto pontificio.

Das casas de educação e das comunidades religiosas, onde a principio se exercia, passou pouco a pouco ás parochias e hoje quasi que não existe cidade ou aldeia onde elle deixe de se praticar com extraordinarios encantos.

O lugar mais proprio é sem duvida o templo: ali se fazem em commum orações, entoam-se canticos, recitam-se as ladainhas, o terço do Rosario; tudo se dirige ao coração

leva à piedade, á confiança, edifica emfim.

De resto, na egreja, as ceremonias religiosas revestem uma forma mais imponente.

As parochias da aldeia, por muito pobres que sejam, tem os seus ramos de flores, os seus lumes; e a fé simples e ingenua do povo encontra sempre mil formas de ornamentar o altar da Virgem.

Nas grandes cidades a magnificencia substitue a simplicidade d'aldeia: apparecem então as alfaias custosas, as grinaldas sem numero, os courados de valor, as velas sem conta.

A voz do prégador substitue a leitura; os canticos resoam e todos os corações se confundem num sentimento commum de confiança e amor.

E, se proventura as circumstancias não permitem que os exercicios se celebrem no templo, ou se, por particular devoção, se deseja celebra-los em casa, prepara-se então um altarzinho (até na sala do trabalho, do estudo, ou da recreação) e sobre elle a imagem de Maria, cercada de luzes e flores.

A hora propria toda a familia ajoelhada irá alli animar aquellas homenagens mudas com as suas supplicas e os seus canticos humildes e fervorosos.

Ha paizes onde estes actos constituem um espectáculo muito particular de esplendor, de piedade e de edificação: haja vista a França, a Belgica, a Italia e até Portugal, onde

mesmo na nossa provincia esta devoção está extraordinariamente vulgarizada e é das que se fazem com mais brilho e fructos espirituaes.

A protecção da Virgem

Uma noite, depois da batalha contra Abd-el-Kader, via-se no meio do campo d'Isly, debaixo d'uma tenda illuminada pela triste luz d'uma lampada, um official d'estado maior estendido por terra com o peito ferido por uma bala. Aos seus pés estavam debulhadas em lagrimas a esposa e uma filha, ao lado um jovem medico, seu filho.

A esposa e a filha debalde procuravam que o moribundo pensasse na propria alma. O filho, tão incredulo como o pae, não queria unir as suas supplicas ás da mãe e da irmã: muitas vezes, abusando da sua posição, tinha zombado dos pobres soldados que queriam morrer nos braços de Jesus Christo. De repente succede uma crise; as duas piedosas senhoras julgaram que fosse a ultima e com um grito de dôr caíram de joelhos, exclamando: «Maria! Maria!»

Naquelle lance terrivel, também o medico caiu de joelhos, e na vehemencia da dôr repetiu instinctivamente o grito da mãe e da irmã: «Maria! Maria!» Ouvindo estas pa-

lavras, o moribundo abre os olhos e pergunta: «Que dissestes? Que nome pronunciastes? Pronunciastes o nome de Maria?»

«Sim, Maria, o Nome santissimo de Maria», responderam ellas, soluçando.

Então elle recorda que em 1812 tinha feito a sua primeira communhão em uma villa das montanhas da França. Pouco depois partiu para alistarse no exercito, entrando em um collegio militar; e o parochio, no momento da despedida, tinba-lhe dito:—Meu filho, temo muito pela vossa alma, temo os perigos, a que vos ides achar exposto; mas promettei-me uma coisa só; é a lembrança, que vos dou, e a que peço que de mim conserveis; promettei-me que respeitareis sempre Maria, e que nada negareis, que vos fôr pedido em seu nome.

—«E' hoje, diz elle, apertando a mão da piedosa esposa, é hoje a primeira vez que, depois de trinta e nove annos, me é pedida uma coisa em nome de Maria: posso eu negala? Quereis que eu pense na minha alma, e pedis-m'o em nome de Maria; é impossivel faltar a uma promessa que fiz. Chamae-me já o confessor.» Veiu immediatamente o capellão militar, e o official confessou-se, recebeu a Estrema—Unção, e morreu santamente, beijando o rosario da Virgem e exclamando: «Não choreis a minha morte, porque havemos de nos tornar a ver no Ceu.»

O filho passou a noite junto do

cadaver do pae, e naquellas horas de solenne meditação desceu á sua alma a luz da graça, e, ao amanhecer, uma grande resolução estava tomada por elle. Tinha sido apóstolo do bem. Resolveu consagrar-se ao Senhor. Deu immediatamente a sua demissão de medico militar, atravessou o mar, e foi bater á porta d'um convento, onde se sujeitou a todas as provas, cursou os estudos theologicos e recebeu a ordenação sacerdotal. Apenas ordenado, pediu que o mandassem para as missões estrangeiras, e foi evangelisar os povos selvagens, onde teve a dita de morrer com a palma do martyrio.

A irmã abandonou tambem o mundo e fez-se Irmã da caridade; e, se não morreu martyr, como elle, morreu tambem gloriosamente, victima do seu heroismo em favor dos infelizes.

A mãe entregou-se inteiramente á piedade e á oração, e morreu tambem como uma santa.

Que foi necessario para obter tudo isto? Bastou que trez pessoas caissem de joelhos, invocando o nome Santissimo de Maria.

Por este exemplo bello e commovedor se avalia a soberana influencia, que junto do seu Divino Filho exerce a Virgem Santa, que é ao mesmo tempo mãe de Deus e dos homens e rainha do Ceu e da terra.

A honra e fama ao ar de uma palavra estalam.

LEMBRANÇA DE MÃE

Uma piedosa menina, que frequentava um collegio de religiosas, teve certo dia um desejo innocente: possuir um *espelho!*

E então?... Se as suas companheiras o tinham tambem...

—Os cuidados da *toilette* iam-no, tornando indispensavel...

Depois—mas isso não diria ella—alguma secreta vaidadesinha lhe teria já segredado, lá muito baixinho, e na intimidade mysteriosa de um coração, que vai despertando para as lutas da vida, ao calor das paixões, ter-lhe-iam dito a vaidade, que era *formosa e gentil*; e que, para os outros poderem apreciar a sua formosura, bom era que a apreciasse ella primeiro.

D'ali o pedido feito á mamã, com toda a eloquencia e diplomacia da idade dos dez annos: A mamã que não se esquecesse de mandar-lhe um espelho muito lindo, muito lindo.

A mamã condescendeu.

Lá vai, pois, o portador, levando ao collegio, á fillinha idolatrada, o ambicionado espelho.

«O! alegria... ó ventura suprema!... ó felicidade sem equal!...

Possuir, enfim, um espelho!...»

E lá começa a pequenina vaidosa a desatar anciosamente as fitinhas tão graciosas, que atavam o precioso pacote, desveladamente preparando por mãos de mãe extremosa.

Mas... que mais iria ali?...

Um espelho não fazia tanto volume. Que mãe lhe enviaria sua mãe?

E apparecem tres pequenos embrulhos, cada um acompanhado de uma palavra de explicação, a indicar-lhe o destino particular. Um dizia: *um espelho para minha filha ver o que ha de ser.*

Outro tinha: *um espelho para minha filha ver o que deve ser.*

O terceiro, enfim: *um espelho para minha filha ver o que é.*

As mãos da pequenina vaidosa começam a desembulhar os tres pacotesinhos, impellidas agora mais febrilmente pela bem legitima curiosidade. Começou pelo ultimo: era, effectivamente, um lindo espelho, em que a vaidosa podia ver como tambem era linda...

Passou ao outro, em que seria o que havia de ser, e encontra uma *caveira!*

Vai ao terceiro, que lhe diria o que devia ser, e encontra uma *imagem de Maria!*

Não esqueceu a lição. Quando o demonio da vaidade lhe segredava ao cotação *que era formosa*, ia rever-se no espelho da caveira, que lhe mostrava em que viria a parar aquella formosura.

E quando as suggestões do mundo, as tentações do demonio ou a violencia das proprias paixões, queriam impedir-lhe o cumprimento do dever, olhava para a imagem de Maria, e dizia consigo.

Aqui está o que eu devo ser!

Ecce Mater tua!

*Filho de Eva, porque choras
E a gemer passas as horas
Pobre, expulso lá do Eden?
Não ha n'este val de horrores
Quem mitigue as tuas dores?
Já não tens bondosa mãe?*

*Ah! não choras, deterrado;
Se não tens no mundo agrado,
Se a terra flores não tem,
E só dá crucis abrolhos,
Oh! levanta ao céu os olhos:
Eis allí a tua Mãe!*

*Não A vêa, como é formosa,
Maria a mystica Rosa,
Mais pura do que a cecem?
Não A vêa com um sorriso
Rular o paraíso?
Eis allí a tua Mãe!*

*De rainha tem corôa
E na mão, que te abençôa,
Tem rico sceptro tambem;
De homens e anjos tem o imperio;
Cidadão do reino etherco,
Eis allí a tua mãe!*

*A seus pés e côrte eterna
Em varios côros lhe alterna
Mil canções de parabem;
Mas Ella é tua rainha,
Meiga os pobres acarinha:
Eis allí a tua mãe!*

*Olha como o amor perfeito,
Que lhe inflamma o terno peito,
Aos labios e aos olhos vem!
E bondosa: não resiste
As vozes de um peito triste:
Eis allí a tua Mãe!*

*Porque choras? deiga o pranto,
Que has de ver tão puro encanto*

*Lá nos poços de Salem,
Oh! então com alegria,
Dirás aos pés de Maria;
Eis aqui a minha Mãe!*

X.

Explicação litteral do catecismo

(Continuação)

P.—Deus sempre tem existido?

*R.—Sempre, porque é eterno; não
teve principio, nem ha-de ter fim.*

Deus é eterno, existiu e existirá sempre. Já d'outra vez o mostramos. Deus, dissemos então, a perder a existencia, seria ou porque ella não era exigida pela sua natureza ou porque alguém lh'a tirava. Nenhuma, porém, d'estas hypótheses se pode dar: nem Deus pode perder a existencia, visto que de ninguém a recebea, mas tem-na por exigencia do seu ser, nem pessoa alguma lh'a pode tirar, porque ninguém tem sobre Deus poder ou auctoridade alguma, pelo contrario, tudo quanto existe depende d'Elle absolutamente (1).

Antes que os montes existissem e fosse feita a terra e o mundo, desde toda a eternidade Vós existis ó Senhor! exclama o santo propheta David (2).

E se unicamente Deus é eterno, se tudo fóra d'Elle muda e passa, porque razão havemos de só pôr a nossa con-

(1) Veja-se o n.º 4 do anno II, pg. 46.

(2)—Ps 89,2.

fiança e apegar o nosso coração a coisas terrenas, desprezando por vezes o Senhor?—Filhos dos homens, exclama Deus pela bocca do propheta David, até quando convertereis a minha gloria em ignominia? dizei-me; porque amaes a vaidade e a mentira? (1)

Os homens passam e com elles passa e acaba todo o seu poder e valimento. As glorias as mais refulgentes, o poderio mais portentoso, as riquezas, ainda as mais fabulosas, acabam e se desfazem em pó. Não confiemos pois em coisas, que hão de fatalmente desaparecer, não apeguemos o nosso coração aos bens caducos d'este mundo, mas elevemo-lo mais alto e descançemo-lo em Deus que não perece e que em todas as occasiões pode vir em nosso auxilio.

Estejamos pois firmes na nossa fé e não queiramos trocar Deus e a nossa salvação por coisa alguma d'este mundo.

Achando-se o chanceller do rei Henrique de Inglaterra, o bemaventurado Thomaz More, preso na torre Londres, porque persistentemente se recusava a prestar um juramento ultrajoso para a Religião Catholica, foi estar com elle sua esposa, a fim de o levar a submeter-se á vontade do rei e salvar assim a vida. Ella empregou todos os meios de persuadi-lo. Entre outras coisas lhe fez ver que era preciso que elle vivesse para educar os filhos.

Thomaz ouvia em silencio e quando a esposa acabou de expôr as razões, perguntou serenamente: Quantos annos julgas que eu poderei viver contigo e com nossos filhos se ceder aos desejos do rei? Pelo menos vinte, respondeu ella. Ah! mulher, exclamou Thomaz, e queres tu que eu troque

uma etenidade por vinte annos que talvez me possam restar de vida? Nunca, nunca o farei!

Depois de lhe ter sido lida a sentença de morte, elle com toda a serenidade renovou a sua profissão de fé no primado do Papa, rejeitou o que a si proprio se attribuia o rei, e rejeitou-o porque era contrario á lei evangelica, que conferiu o primado a S. Pedro e aos seus successores; contrario á tradicção de todos os seculos, visto que nem um só doutor da Egreja ha que affirme poder um leigo ser Chefe da Egreja; contrario até ás leis d'Inglaterra, que reconheciam todos os direitos do Summo Pontifice e finalmente contrario ao juramento que ao subir ao throno o proprio rei tinha feito de manter e defender os direitos da Santa Egreja Catholica, Apostolica, Romana.

Thomaz More amava ternamente sua filha Margarida, á qual tinha ensinado o grego e o latim. Essa esperava-o á porta da sala onde acabava de ser condemnado á morte e lançando-se-lhe ao pescoço gritou entre soluços: Mas como pode ser, pae querido, que, innocente, seja condemnado á morte?

Filha, responden sorrindo o martyr, querias tu que eu morresse culpado? E abraçando-a ternamente lhe deu a ultima benção.

Chegado ao cadafalso em o dia 6 de 1536, como a escada não fosse commoda, disse a um dos ajudantes do carrasco: da-me a tua mão para subir, pois que para descer não será já preciso. Terminada a sua oração e cantado o *Miserere* tomou o povo, que alli estava presente, por testemunha de elle morria professando a fé Catholica Romana. O carrasco pediu perdão da morte que ia dar-lhe. More o abraçou e lhe respondeu: hoje fazes-me tu o maior favor que um homem pode fazer a outro, qual é o de lhe abrir as portas do ceo; entretanto, accrescentou,

(1)—Ps. 43.

pondo-lhe na mão uma moeda, o meu pescoço é tão delgado que eu receio elle não te dê occasião de mostrares bem a tua habilidade.

Thomaz More recebeu a morte com a alegria e a constancia dos antigos martyres. A sua cabeça permaneceu exposta durante quatorze dias na ponte

de Londres, d'onde sua filha Margarida a mandou retirar e dar-lhe conveniente sepultura.

Como este santo martyr façamos nós tambem o firme proposito de antes soffrermos tudo do que renegarmos a nossa fé e perdermos a nossa alma.

A vida de Nosso Senhor Jesus Christo

CONTADA ÀS CRIANÇAS

(Continuação)

VIDA OCCULTA DE JESÚS

Mas é n'esta profunda obscuridade que se occulta o mysterio do aniquilamento, que exalta e glorifica.

Jesus veiu ao mundo para reparar o mal causado pela soberba de Adão, que por pretender insensatamente tornar-se semelhante a Deus, tinha cahido com toda a sua posteridade no profundissimo abysmo de todas as misérias.

Só a humildade mais profunda poderia curar a chaga produzida por tão grande soberba; e Jesus Christo passa uma grande parte da sua vida envolvido em tanta obscuridade, para que as suas humilhações elevem até Deus a humanidade decabida e a reconduzam do abysmo do peccado aos esplendores e ás alegrias da união com o mesmo Deus.

E com o seu exemplo ensina-nos o Divino Mestre que só poderemos chegar á verdadeira felicidade que Elle

nos prepara, se tomarmos parte nas suas humilhações. E, de facto, os Santos só chegaram a tão grande felicidade por meio das humilhações.

E este ensinamento é para todos, se quizermos alcançar o ceo.

Actualmente, no mundo que perdeu o espirito de Jesus Christo e que despreza as suas salutares doutrinas, só se pensa em procurar riquezas, honras e applausos. Mas o que resta de tudo isto á hora da morte? Amargura, remorsos. Pelo contrario, a humildade do filho de Deus conduzir-nos-á á sua gloria.

O presente Evangelho ainda nos dá outros ensinamentos. Jesus ensina-nos que devemos amar «Deus desde os primeiros annos da existencia, devemos procurar conhece-lo bem e crescermos na piedade e na virtude. Afastase durante pouco tempo de Maria sua mãe, e de S. José. Mas onde o

vão encontrar? No templo, que é a casa da oração, a escola da virtude, entre os doutores, escutando os seus ensinamentos, a palavra, de que era depositaria a synagoga.

Deve, portanto, todo o Christão seguir as pisadas de Jesus Christo, mas para o fazer com segurança e sem perigo de se transviar, deve primeiramente conhece-lo bem, e por isso, estudar a sua vida. Deste conhecimento nascerá o amor para com Jesus, amor que se ha-de traduzir na pratica das virtudes e na fuga do peccado.

Jesus Christo, que á queixa de Maria responde decididamente que se devia encontrar onde o chamavam os hegocios do seu Paes, ensina-nos com que liberdade nós devemos resistir áquelles que onsam constringer-nos á pratica de actos, contrarios á nossa consciencia e aos nossos deveres de christãos.

Jesus voltando a Nazareth, passando ahí os seus dias no recolhimento, na oração, no exercicio da virtude, no trabalho, e preparando-se para o seu ministerio publico, ensina-nos que a juventude é uma preparação para o resto da vida—preparação, que deve ser feita por meio da cultura da mente com estudos sãos e profundos, por meio da formação do character, com o exercicio da piedade e com o bom uso dos dons de Deus.

Finalmente, Jesus obedecendo a Maria e a S. José ensina nos que a virtude propria da juventude é a obediencia, sem a qual é impossivel uma boa direcção, da qual depende o modo de vida no futuro.

Oh! quão necessaria é esta lição, especialmente nos tempos que vão correndo, e que são de desenfreada licença! Apprendam, pois os jovens, do Senhor do Mundo, feito adolescente, esta lição de obediencia. Obediencia aos paes, que com amor e firmeza que-

tem dirigir-vos pelo caminho da virtude, obediencia aos professores, que vos dirigem pelo caminho do saber, e obediencia ao sacerdote, a quem confiaes os segredos da vossa consciencia que vos aponta o caminho que conduz a Deus, e que vos ajuda a proseguir nelle. Esta obediencia deve ser prompta, docil e constante; e deste modo tambem vós crecereis com a idade em sabedoria e graça aos olhos de Deus e dos homens.

Nobreza de perdoar

Só aquelle que por amor de Deus perdôa é o que mais se engrandece: quem, sem reparar na politica, se esquece da affronta, e sem se lembrar do agravo faz bem a seu contrario, este é o que se eternisa nos annaes da fama, e esculpe seu nome nos bronzes da eternidade. Ouvi um caso succedido em Lisboa na igreja de S. Domingos; está escripto na Torre do Tombo. N'um dia em que n'esta igreja se fazia uma celebração de empenho, receosos uns fidalgos de que não achassem lugar, mandaram pôr na igreja um banco; succedeu que, vindo um homem de fóra, ricoço, vendo o banco sem gente, teve-se por ditoso em achar tão bom lugar, e com effeito se assentou n'elle.

Vieram os fidalgos para o seu banco, acharam n'elle o homem, a quem pediram com muita cortezia

(que esta parece vem aos fidalgos por natureza) se levantasse do banco, pois o tinham mandado pôr n'aquelle logar. Respondeu o homem que não se havia de levantar.— Levantar a mim?» respondeu o homem e arremettendo com um dos fidalgos, levantando a mão, lhe deu uma bofetada. O fidalgo, com acobrada, mettu a mão, e levando da adaga com irpeto tão arrebatado, que não distinguira n'elle acção de arrancal-a, matára o homem que lhe tinha dado a bofetada, se não fóra que succedeu n'este instante levantar-se o Sanctissimo Sacramento n'um altar d'onde se estava dizendo missa, o que visto pelo homem que se julgava mais morto que vivo, lhe disse «Perdoae-me por amer d'aquelle Senhor Sacramentado!» O fidalgo, ouvindo isto, suspendeu o impulso, e lhe perguntou:—Por amor de quem m'ó pedis?» «Por amor d'aquelle Senhor, vos peço que me não me mateis.»—Ora por amor d'elle vos perdôo;» e não tão sómente lhe perdôo, mas lhe deu um abraço, e o assentou consigo; e para memoria se mandou pôr isto na Torre do Tombo, e para crédito de quem tal acção fez, escripto deve andar em laminas de bronze; que é tal honra perder uma injuria, que, para bração de seus descendentes, se guarda em escriptos publicos

FR. ANTONIO DAS CHAGAS

As victorias da Igreja

Quem apresentou no mundo o programma de todas as ideas sãs e progressivas que fizeram da Europa o que ella é?

Jesus Christo.

Quem venceu e fez desaparecer pouco a pouco o poder absoluto e tyranno dos imperadores romanos?

Os martyres da Igreja.

Quem destruiu a escravidão fiscal ou social, rompendo as cadeias do captiveiro; a escravidão moral, libertando a consciencia?

Quem creou a dignidade humana?

Quem livrou a intelligencia humana, substituindo o verdadeiro, o bom e o bello dos dogmas christãos ao falso, ao máu e horrivel do mystico pagão?

Quem adoçou a atrocidade e o rigor do direito pagão?

O Christianismo.

Quando as hordas dos barbaros, impellido-se mutuamente em longas e temerosas filas inundaram a Europa, quem foi ao seu encontro e as civilisou?

Quem se apresentou como mediador entre os brutaes conquistadores e os povos conquistados.

O episcopado e o clero catholico...

Quem na idade das trevas illuminou o mundo?

A Igreja.

Só ella sabia, só ella prégava, só ella ensinava, só ella escrevia.

MOIXO.

O eunuco Eutropio e São João Chrysostomo

Eutropio, o eunuco Eutropio, acabava de subir ao throno e tratava de installar-se nelle por completo e officialmente. Este escravo, feito consul, ameaçava já expulsar a imperatriz.

Existe a narração d'aquelle espantoso consulado. As provincias eram vendidas em hasta publica. Um individuo comprou a Siria, dando por preço as joias de sua mulher.

Se algum horror ou vergonha pudesse ser inverosimil desde a queda de Adão, o consulado de Eutropio seria inverosimil.

Os que perdem de vista a realidade da nossa natureza, porque nelles a idéa do peccado original se acha velada pelo orgulho do proprio peccado dentro do qual aquella se esconde, como a aranha na sua teia, fariam bem em ler outra vez a historia de Eutropio. Nesta historia a natureza humana torna-se visível, sem veus nem ficções.

Toda a nobreza e toda a riqueza eram então castigadas com o desterro, a confiscação ou a morte.

Os desertos da Libia recolheram quanto havia de mais honrado ou de menos envilecido no imperio, quanto merecia a honra de ser desterrado. Lá morreu o ex-consul Rimasio, vencedor dos godos e amigo e companheiro de Theodosio, desterrado primeiro e assassinado depois.

Isto foi para Eutropio um verdadeiro jubilo, pois via em Rimasio uma presa agradável, mais rara e mais illustre do que as suas victimas ordinarias; e Eutropio gostava de offerecer a si mesmo sacrificios como este. Mas isto não lhe bastava. Rimasio ti-

nha um filho, que era preciso matar: matou-se. Ainda não era bastante: ficava uma viuva e mãe, e Eutropio concebeu a idea de immola-la tambem, mas esta mulher, que se chamava Pentadia, refugiou-se junto dos altares e invocou o direito de asylo.

Para comprehender a importancia do direito de asylo, assim como a estima, em que era tida pelos bispos uma coisa tão sagrada, é mister formar-se bem a idea d'aquelles tempos. O direito de asylo, que nos tempos da tregua de Deus, se exercia ao pé das cruzes plantadas nos grandes caminhos e junto aos arados nos campos, era no tempo de Chrysostomo á sombra dos altares. Pentadia invocou o; Eutropio ousou reclamar a sua victima, e encontrou-se frente a frente com Chrysostomo. O verdugo retrocedeu na presença do bispo e Pentadia salvou-se.

Então Eutropio abelhiu o direito de asylo. Tudo cedeu perante o eunuco, menos S. João. Sem fraqueza nem ostensão, o bispo cumpria o seu dever, e a sua grande figura erguia-se solitaria no meio de todo um povo prostrado.

Mas isto depressa mudou.

Por um d'aquelles motins de palacio tão frequentes naquella epocha, Eutropio foi apeado do poder. A rebelião de Trivigildo, as ameaças da Persia, que acabava de mudar de soberano, as supplicas da Imperatriz, que, achando-se ultrajada, se lançou afflicta e furiosa aos pés do Imperador, com os seus dois filhos nos braços, pedindo vingança, todas as dores e todas as colleiras, que Eutropio tinha excitado, se voltaram por fim contra elle. Arcadio expulsou-o do palacio, e, em seguida, as vozes, que antes eram de adoração uniram-se para amaldiçoá-lo: um côro de imprecções se levantou contra o tyranno e nunca o Capitolio esteve mais perto da rocha Tarpeia.

O povo pedia em altos gritos a morte de Eutropio.

Então começou um drama sublime. Que havia de fazer o miseravel eunuco?

Um unico recurso lhe restava e aproveitou-o: invocou o mesmo direito de asylo, que havia abolido; invocou e como perseguido o mesmo direito que tinha desafiado como consul. Mas aos olhos de Arcadio o que caira ficava caído para sempre. Eutropio, refugiando-se junto dos altares, invocando a quella sombra protectora, que antes menosprezara, é um quadro capaz de tentar um grande pintor.

O drama continua, Arcadio considerou o eunuco perseguido, como este tinha considerado Pentadia acclhida por detraz do altar. Eutropio reclamou Pentadia, Arcadio reclamou Eutropio que se encontrava debaixo da sagrada meza. Eutropio, quando perseguia Pentadia, encontrou Chrysostomo, que a protegia; e assim como este tinha sido o unico defensor da liberdade e da justiça contra Eutropio omnipotente, tambem agora é o unico defensor de Eutropio perseguido e refugiado junto do altar. O bispo, sempre fiel, sempre activo, sempre humilde, sempre grande, sempre livre, invocou magnifica e solemneamente em favor de Eutropio perseguido aquelle mesmo direito de asylo, que tinha invocado contra Eutropio omnipotente, e o eunuco escondeu-se por detraz do mesmo bispo, contra o qual, nos tempos do seu maior poderio, a sua colera se havia desfeito.

Eutropio, occulto sob a mesa do altar, tremia dos pés á cabeça: a multidão, exaltada pelos furores da passada noite, apinhava-se tumultuosamente na egreja, pedindo a morte do criminoso. Naquelle recinto, invadido por tantas paixões, S. João começou a fallar, ora increpando a multidão, ora aquelle, a quem a multidão perseguia; lançando

em rosto d'um a sua soberba e baixeza, e á face da outra as suas adulações passadas e as suas coleras presentes.

«Vaidade das vaidades!—exclama.—Onde está agora o illustre esplendor do consulado? Onde os archotes, que precediam sempre a este homem no seu caminho, as danças e as acclamações, os banquetes e as festas? Que é feito das corôas e ornatos sobre a sua cabeça, do ruidoso entusiasmo da cidade e das manifestações no circo?»

Dir-se-á que isto são logares communs da oratoria; mas como elles não apparecem rejuvenescidos, vivificados, transfigurados pela realidade viva e terrivel, que os faz brotar e os justifica?—Vaidade das vaidades, repete continuamente o orador, que parece querer ver essas palavras esculpidas na fronte e na consciencia de cada um. Depois, dirigindo-se, numa transição magnifica, ao eunuco aniquilado, que dentro tempo desafiara o bispo:

«Não te disse muitas vezes,—pergunta-lhe—que a riqueza é uma coisa fugitiva?»

Éras um rei e não podias supportar as minhas palavras. Não te dizia que a riqueza é um servidor ingrato? Éras um rei e não querias acreditar-me; e agora a experiencia te ensina que a riqueza é, não só fugitiva e ingrata, mas tambem homicida pois bem ves o estado a que te reduzim. Não te dizia que as feridas causadas por um amigo valem mais do que as caricias do inimigo?

Se tivesses querido receber a ferida de nossas mãos, aquellas caricias não teriam sido a tua perdição; os que te enchião a taça fugiram de ti, renegam a tua amizade; buscam a salvagão á tua custa. Nós procedemos d'outro modo.

(Continúa)